

LOBATO, Lúcia Fernandes. E agora José? A festa acabou. Salvador: PPGAC-UFBA; professora associada; pesquisadora do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Contemporaneidade, Imaginário e Teatralidade - GIPE-CIT.

### Resumo

A autora considera que já não é possível apelar para o impacto da mudança de paradigma para justificar a apatia da produção investigativa no campo das artes da cena. Afirmar que já existe um conceitual disponível em teses e dissertações que cumpre um papel inovador e apresenta elementos para uma intervenção. Reconhece a persistência de um hiato entre o pensar e o fazer que alimenta contradições como: entender o estranho como legítimo e abandonar o egocentrismo entre outros. Opõe ao conceito moderno de presença o sistema derridiano da diferença. Argumenta que a “Máquina de Guerra” está em ação potencializando a explosão de acontecimentos. Nessa proposição a representação perde sentido e dá lugar a uma poética da cena que se afirma enquanto ato político, eis que se constitui enquanto exercício ético/estético da sobrevivência do ser expandido corpo/artista/cidadão. Adverte que o jogo entra em cena. Finaliza convidando os pesquisadores da dança ao estudo e investigação das Escrituras em Dança.

Palavras-chaves: Sistema de diferenças - dança - escrituras

### Résumé

L'auteur considère qu'il n'est plus possible de faire appel à l'impact du changement de paradigme pour justifier l'apathie d'investigation dans le domaine de la scène artistique. Pour lui existe déjà beaucoup de thèses et de mémoires disponibles qui atteignent un rôle innovateur. Celles thèses donnent les éléments de fonctionnalité pour une intervention. Il reconnaît l'existence d'un écart entre la pensée et la pratique. Cet écart est la cause de contradictions, par exemple: comprendre l'étrange comme légitime et abandonner l'égoïsme parmi d'autres. Il s'oppose à la notion moderne de la présence et introduit le système derridien de la différence. Il souligne que la « Machine de Guerre » est en marche. Elle potencialise les événements explosifs. Dans ce contexte, la représentation sort de la scène et cède sa place à une poétique de la scène qui devient, au même temps, un exercice éthique/esthétique d'un sujet élargi au corps/artiste/citoyen. L'auteur avertit que le jeu entre en jeu. Il invite, en conclusion, les chercheurs à étudier et investiguer les écritures en danse.

Mots-clés : Système de différences-danse-écritures

Com a chave na mão quer abrir a porta, não existe porta;  
quer morrer no mar, mas o mar secou; quer ir para  
Minas, Minas não há mais. José, e agora?

Carlos Drummond de Andrade

Os momentos que se seguiram aos primeiros estudos pós-colonialistas constataram a necessidade de rechaçar a referência dos sistemas dominantes que legitimavam o conhecimento, no sentido de possibilitar o aparecimento das diferentes estratégias que anunciavam novos tempos e novos saberes. Com certeza esses ecos se concretizaram e vivemos um mundo onde os próprios postulados contemporâneos, para nossa surpresa, rapidamente se esgotam sem serem totalmente absorvidos. Mas não podemos mais justificar nossas apatias frente às questões cada dia mais urgentes, apelando para nossa perplexidade ou impacto da mudança dos paradigmas.

... a festa acabou, a luz apagou, o povo sumiu, a noite  
esfriou, e agora José? E agora você? Você que é sem  
nome, que zomba dos outros... Drummond

No entanto, estamos bem munidos com conceitos, lógicas argumentativas e princípios que cientistas das humanidades do porte de Jacques Derrida, Stuart Hall, Milton Santos, Peter Burke, Gilles Deleuze, Michel Maffesoli e tantos outros foram capazes de produzir. Temos conseguido formular teses e dissertações que de certa forma cumprem um papel inovador e apresentam elementos para uma intervenção. Mas persiste um hiato entre o que pensamos e o que fazemos, certamente por conta de não termos conseguido superar nossa formação positivista e pautada na ideologia do hegemônico.

Nesse sentido aparecem nossas contradições. A dificuldade, hoje, não é admitir o estranhamento, mas sim entender o estranho como legítimo. A questão não é reconhecer o valor da tradição, mas concebê-la como parte do atual, retirando-lhe o estigma das velhas formas e da estagnação. O problema não é mais aceitar o diferente, é abandonar o egocentrismo e conceber a si mesmo como diferente e capaz da dialógica.

Apesar da complexidade, ainda é difícil abandonar o conceito moderno de presença que pressupunha a oposição binária presença/ausência e assumir o sistema do diferenciamento no qual toda presença é um efeito da diferença. Por isso a questão não é somente admitir a existência do outro, mas sim compreendê-lo enquanto uma força com dimensão e potencialidade própria, e simplesmente aceitar que ele não se opõe a você, ele coexiste além e apesar de você.

... está sem mulher, está sem discurso, está sem  
carinho, já não pode fumar, cuspir já não pode, a noite

esfriou, o dia não veio, não veio a utopia e tudo acabou e tudo fugiu e tudo mofou, e agora José? ... Drummond

Porém a “Máquina de Guerra”, concebida por Deleuze, está em ação. Movimentos inesperados explodem a cada momento, trazendo à tona o que estava em estado de latência como potência subterrânea. E são exatamente essas latências, essas dimensões desprezadas e supostamente perdidas que surpreendem e que anunciam o novo que assusta porque não tem um centro de controle. E é neste contexto pulverizado que a cena potencializa a explosão do acontecimento.

Nessa linha de argumento, no que compete às artes da cena, é preciso superar a própria cena. Isto significa ir aquém e além dela. A cena, numa sociedade sob o domínio da imagem, não se circunscreve apenas ao espaço cênico. Ela é uma experiência cultural expandida, um acontecimento do corpo que produz uma socialidade portadora de uma ética que não permite mais ao artista um isolamento ao âmbito apenas da estética.

Por isso, José, digo que a festa acabou porque não há dúvida que não existe mais a fórmula certa, pois o corpo e a cena se confundem enquanto um só acontecimento desafiando tanto o artista quanto o pesquisador a pensá-la enquanto um ato político do corpo no exercício de sua sobrevivência. E aqui sublinho que não há outra maneira de viver e estabelecer relações se não for pelo próprio corpo. Nessa proposição a representação se despede e dá lugar a uma poética da cena que se afirma enquanto ato político, eis que se constitui enquanto exercício ético/estético da sobrevivência do ser/artista/cidadão.

... se você gritasse, se você gemesse, se você tocasse,  
a valsa vienense, se você dormisse, se você cansasse,  
se você morresse... Mas você não morre, você é duro,  
José!... Drummond

Em meio a esse contexto, Jacques Derrida, numa de suas mais importantes obras, Gramatologia, se dedica a liberar a escritura de sua sujeição ao paradigma da linguagem, possibilitando assim que qualquer estrutura seja capaz de significação de linguagem. O autor propõe, então, que seja abandonada a trama da relação dualista significante-significado em prol do conceito de rastro, que promove uma cadeia discursiva na qual cada termo já traz em si os rastros de todos os outros termos formando um sistema com base nas diferenças.

É com essa lógica da diferença que o corpo se apresenta como encarnação/rastro dos rastros e potencialmente capaz de realizar sua escritura.

Ah, José, chegamos a uma boa notícia! O etnocentrismo, que por tanto tempo fez do signo fonético o padrão de todos os signos e assim exercitou seu domínio ocidental sobre o mundo, é enfim atingido no seu cerne. O corpo, a

oralidade, a gestualidade, hábitos, costumes, comidas, festas entre outros passaram a ser compreendidos como dotados de estrutura de significação, resultantes de um sistema de diferenças. São rastros que podem ser entendidos a partir de suas escrituras, estejam elas na cena urbana, rural, existencial e, ainda, no espaço da performance artística. Para Jean Duvignaud

O mito expresso em gestos é ainda mais rico que o mito narrado, não só porque ele aparenta um “como se” da existência e nos engaja na vida imaginária, mas, sobretudo, porque extrai o mito da linguagem e o substitui na rede de uma comunicação. (1983, pág. 88):

Mas, novamente a imprevisibilidade do devir nos faz tremer! Está na ordem do dia que a vida deve ser vivida como um jogo. Agora estamos no jogo e, segundo Paulo César Duque-Estrada<sup>1</sup>: “Não é possível pensar um lugar “fora” do jogo”(2002, pág.28). Assim,

... Sozinho no escuro qual bicho-do-mato, sem teogonia,  
sem parede nua para se encostar, sem cavalo preto que  
fuja a galope, você marcha, José! José, para onde?...  
Drummond

Para onde não sabemos, nem isso passou a ser necessário. Não restam dúvidas. Estamos no jogo e só nos resta jogar. Considero que o jogo aparece em nosso momento civilizatório como uma benção. É a possibilidade de reintroduzir no cotidiano o elemento lúdico de nossa cultura ancestral, tanto africana quanto indígena, festiva por excelência. Este elemento que nos é intrínseco ficou adormecido no nosso processo colonizador por força do exercício do padrão ocidental da sisudez como condição para sua validação.

Nesse sentido, o jogo dá flexibilidade à seriedade e atribui tensão necessária para a saída da inércia e dar partida para o movimento. Promove confusão e confere valor ético a dimensão da vida. O desejo de ganhar, necessário para jogar, está condicionado às regras, não é uma anarquia, e sempre está acompanhado da aceitação da possibilidade de perder. Para jogar estamos sempre assumindo o risco de perder e incorporar o risco na ação é fundamental para o viver contemporâneo. Até mesmo Platão se pronunciou a esse respeito dizendo que: “aquilo que não acarreta consequências nefastas, pode ser apreciado mediante o critério do encanto que possui pelo prazer que provoca. Esse prazer, dado que não tem como consequência um bem ou um mal digno de nota, constitui um jogo”.

Outro aspecto importante do jogo é que coloca o corpo em cena. Este corpo que não é mais presença é rastro, é diferença e se inscreve na vida social e artística a partir de sua escritura. Este corpo é muito mais que um

---

<sup>1</sup> Duque-Estrada, Paulo César. Professor Doutor em Filosofia e Coordenador do Núcleo de Estudos em Ética e Desconstrução –NEED da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

instrumento e resultado da incorporação de um sistema-técnico-estético da dança. É um corpo portador de uma memória encarnada a uma história pessoal e intransferível. É um corpo singular na dimensão de uma herança coletiva. Sua gestualidade o remete à condição de testemunho e segundo Edgar Morin:

Podemos mesmo dizer que o espírito é uma representação do cérebro, mas que o cérebro é ele próprio uma representação do espírito: dito de outro modo, a única realidade que podemos estar seguros é a representação, quer dizer, a imagem, quer dizer, a não realidade, já que a imagem nos remete para uma realidade desconhecida. Claro que estas imagens não verbais são vertebradas, organizadas, não apenas em função de estímulos exteriores, mas também em função da nossa lógica, da nossa ideologia, portanto, da nossa cultura. (1997, pág.15)

É com base em todos os argumentos expostos e os preciosos fundamentos teóricos encontrados, que me sinto autorizada a convidar os pesquisadores da dança a se dedicarem ao estudo e investigação dos discursos corporais regeneradores das diferentes subjetividades, reveladas e comprometidos com suas coletividades. Identifico esses discursos como Escrituras em Dança. Nelas a preocupação não é apresentar códigos gestuais gramaticais de um padrão estético universalista traduzido. É urgente que o imaginário, parte constitutiva do humano, seja libertado do logocentrismo e realize suas digitais. Chegou a hora, José! Artista/pesquisadores devem cumprir o seu papel!

#### Bibliografia:

Andrade, Carlos Drummond. **José**, Companhia das Letras, São Paulo, 2012.

Derrida, Jacques. **Gramatologia**, Perspectiva/editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1973.

Duque-Estrada, Paulo César. **Derrida e a Escritura**, in: às Margens, A propósito de Derrida, Editora da PUC/Rio e Edições Loyola, São Paulo, 2002.

Duvignaud, Jean. **Festas e Civilizações**, Edições Universidade Federal do Ceará e Tempos Brasileiros, Ceará, 1983.

Morin, Edgar. **O cinema ou o Homem Imaginário**, Relógio D' Água Editores, Lisboa, 1997.

